



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento do Programa Brasil Alfabetizado**

Palácio do Planalto, 08 de setembro de 2003

Excelentíssimo companheiro José Alencar, vice-presidente da
República,

Excelentíssimo companheiro Cristovam, ministro da Educação,

Minha querida companheira Marisa,

Ministros e ministras aqui presentes,

Representantes da Unesco,

Deputados e deputadas aqui presentes,

Empresários,

Eu vou terminar não fazendo o meu discurso habitual, porque eu vou ser muito breve, para dizer para vocês que o problema de alfabetizarmos o Brasil é um problema muito menos de dinheiro, muito menos de recursos, muito menos da ausência de sala de aula, muito menos da ausência de educadores, e muito mais da disposição política de alfabetizarmos o nosso país. Há várias formas para alfabetizarmos o Brasil. Uma delas é que se nós tivéssemos todo o dinheiro do mundo, poderíamos contratar todos os educadores necessários e faríamos todas as salas de aula confortáveis, para que os alunos se sentissem bem, e teríamos o problema resolvido.

Outra forma é ter uma lei, como já temos a Constituição, que assegure que a educação é um direito de todos e que, portanto, cabe ao Estado garantir.

Então, está tudo pronto. Nós já temos a lei e temos uma rede pública, muitas vezes subutilizada, que poderia ser melhor utilizada, e precisamos tomar essa decisão política que estamos tomando.

No Brasil, nós precisamos parar com a idéia de que o Estado pode tudo



e o governo pode tudo. É preciso, de vez em quando, parar e nos perguntarmos: e o nosso papel enquanto cidadãos e cidadãs da sociedade civil? Qual a nossa responsabilidade enquanto brasileiro ou brasileira, enquanto empresário ou empresária, enquanto Igreja Católica ou Igreja Evangélica? O quê, no fundo, nós fazemos para dar a nossa contribuição? Certamente, tem muita gente dando contribuição.

Eu digo sempre, Roberto Marinho, que o nosso companheiro Vicentinho, que eu pensei que iria estar aqui, só conseguiu fazer o vestibular e estudar Direito, porque teve a ousadia de levantar todo dia de madrugada para assistir o cursinho que vocês colocam na Rede Globo de Televisão. Mas nem toda Televisão tem isso, ainda, nem a nossa TV Educativa tem, com a força que precisa ter.

Então, nós precisamos, a partir dessa disposição política, a partir desse acordo, desse decreto, assumir quase que como uma profissão de fé – muito menos por conta das leis ou dos decretos, mas muito mais por uma vocação nossa –: temos que alfabetizar os nossos corações para que a gente possa ter um pouco de sentimento com aquele que não teve a mesma oportunidade que nós tivemos.

Eu dizia, na última reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social: se cada empresário brasileiro resolvesse alfabetizar 10% dos funcionários que cada um tem, certamente nós, em um ano, acabaríamos com o analfabetismo neste país. Se os estudantes, como a UNE agora, assumirem o compromisso de sair para a rua, de verdade, procurando onde estão os analfabetos... Cristovam, um problema que nós vamos ter é que tem gente que tem vergonha de dizer que é analfabeto. Então, nós não podemos ficar na escola da cidade, ou mesmo do campo, esperando que o analfabeto nos procure. Nós temos que adotar essa política quase como se fosse uma campanha de vacinação em massa, ou seja, uma campanha de vacinação onde o vírus que nós queremos matar é o analfabetismo.



Aí nós vamos ter que, quem sabe – Cristovam, ouvi você falando de um prefeito aqui, que alfabetizou – criar a semana da alfabetização, em que a sociedade brasileira toda se mobilize nos seus municípios, para detectar um analfabeto e fazer com que ele deixe de ser analfabeto.

Nós podemos instituir prêmios para as prefeituras que alfabetizarem, todo prefeito gosta de receber um prêmio. Eu vejo quando as pessoas vão para o exterior e ganham uma medalha porque cuidam bem daqui. É maravilhoso. Quem não gosta de ganhar um prêmio? Mas, imaginem se nós instituíssemos no governo federal, um prêmio para as prefeituras que alfabetizassem os seus munícipes.

O que nós precisamos é assumir a responsabilidade que essa não é uma tarefa do ministro da Educação; essa não é uma tarefa do secretário da Educação do estado; essa não é apenas uma tarefa do secretário municipal de Educação essa é uma tarefa nossa. Brasileiros e brasileiras que aprenderam a ler e a escrever precisam socializar os seus conhecimentos, dedicando uma parte do seu tempo disponível para que possamos levar esse direito a alguma pessoa.

A minha mãe morreu com 64 anos sem saber fazer um “o” com o copo, e meu pai morreu analfabeto. E o meu pai era uma coisa inusitada. Eu morava em Vicente de Carvalho, ali na divisa entre Guarujá e Santos e meu pai trabalhava num armazém de café. Era naquele tempo em que o trabalhador ia trabalhar de terno, gravata e chapéu todo santo dia, e meu pai não sabia diferenciar um “o” de um “i”.

Entretanto, todo santo dia ele comprava um jornal em Santos e atravessava de barco, como se estivesse lendo o jornal. Só não via de cabeça para baixo, coitado, porque tinha figura, fotografia e ele não se enganava. Mas isso era a demonstração da vontade que ele tinha de ler e não adiantava ter vontade naquele instante, porque nem sempre o Poder Público está preparado para atender a vontade das pessoas.



Em várias áreas, muitas vezes as pessoas querem, mas o poder público não está preparado para atender a essas pessoas. Eu acredito que nós temos a obrigação moral, ética, humana de criarmos as condições para que aqueles que desejarem, tenham um lugar certo para se alfabetizar.

Aliás, eu acho que a pessoa pode ter o direito de comer e não querer comer; a pessoa pode ter o direito de querer viajar ou não viajar; mas de ser alfabetizado, eu acho que ele não tem que ter direito, ele tem que ter obrigação de se alfabetizar e contribuir para a alfabetização dos seus filhos.

Eu tenho reivindicado muito ao Cristovam, brigado com companheiro Cristovam, porque nós precisamos cuidar dos nossos educadores. Eu acho que os educadores brasileiros muitas vezes são mal remunerados, muitas vezes estão desmotivados e precisam ser motivados. A gente também não pode permitir, por conta do baixo salário que se ganha, ou da não existência de melhores condições de trabalho, que o educador jogue sobre as costas do aluno aquilo que o Estado não lhe oferece.

Por que eu estou dizendo isso? Porque hoje, muitas vezes, uma criança entra às 08h na escola ouve vários professores durante quatro horas seguidas, e não tem nenhum momento em que o professor se preocupa em perguntar se ela aprendeu aquela aula que ele está dando.

Agora, com a aprovação continuada, não existe um tempo para se medir se esse aluno está aprendendo ou não. É por isso que hoje muitas crianças chegam à 4ª ou 5ª séries com muitas dificuldades de saber ler ou de interpretar um texto, por menor que seja, e muitas vezes, não sabem fazer sequer as quatro operações.

Então, essa revolução que você falou Cristovam, é uma revolução que começa a partir de nós, ou seja, cada um de nós tem que assumir a responsabilidade de perguntar, não o que o Governo está fazendo apenas – é importante perguntar e cobrar todo santo dia, mas é importante a gente se perguntar, todo santo dia, ao levantar de manhã, se olhar no espelho e falar: o



que eu estou fazendo?

Ou, toda noite na hora em que for dormir, na hora em que encostar a cabeça no travesseiro, perguntar: o que eu fiz hoje? Além daquilo que é a minha obrigação profissional, o que eu dei para o meu país? O que eu dei para o meu povo? O que eu dei para alguma pessoa? Não são poucos os casos em que nós temos empregadas domésticas analfabetas trabalhando com pessoas que são professores de pós-graduação em universidades brasileiras. Não são poucos os casos.

Então, eu acho que nós temos que resolver um problema dentro de nós, para que a gente possa passar para a sociedade essa força que nós precisamos passar. Nós precisamos ensinar as pessoas a voltarem a acreditar que não tem exemplo, na história da humanidade, de um país que tenha conseguido dar um salto de qualidade, que tenha conseguido se desenvolver sem antes ter apostado na educação. Não existe. E não vai ser o Brasil que vai dar esse salto. É por isso que essa campanha tem que dar certo, independentemente do Governo.

As universidades brasileiras terão que discutir como participar de uma campanha como essa. Todos nós precisamos. O movimento sindical precisa discutir como participar, afinal de contas, não são poucos os trabalhadores de carteira ainda analfabetos.

Então, não é uma responsabilidade de um ou de outro, é uma responsabilidade histórica deste país. E eu sempre disse que, muitas vezes, no Brasil, não se alfabetizou no tempo certo, porque a ignorância era um instrumento de dominação política por uma parte da elite brasileira, ao longo de muitos séculos. Não é à toa que o Peru, já em 1550, tinha universidade. O Brasil só veio a ter universidade na década de 20, no século XX, ou seja, nós perdemos 400 anos e temos que recuperar isso com os exemplos que você citou, de vários institutos que contribuem, para que a gente possa dar esse salto de qualidade.



Eu saio deste ato convencido de que muito mais do que o decreto, muito mais do que uma lei, é preciso que a gente saia daqui convencido de que nós podemos, juntos, mais do que todas as leis.

Imaginem se toda igreja evangélica, toda igreja católica e toda sede de sindicato pudessem, durante quatro ou cinco meses, se transformar num centro alfabetizador deste país. Imaginem se cada empresa pudesse detectar os analfabetos e começar a alfabetizar, dentro do próprio espaço da empresa, ou quem sabem em convênio com a prefeitura.

Nós iremos descobrir, num curto espaço de tempo, que as soluções para esses problemas que se arrastam há séculos, podem ser resolvidos num tempo muito pequeno. É preciso, primeiro, que haja uma revolução dentro de nós para depois a gente conseguir despertar nos outros a mesma vontade que nós temos. Existem alguns direitos tão elementares – como o direito à saúde, o direito à habitação, o direito de comer, o direito de viver, o direito a ler –, que todos nós devemos nos sentir envergonhados de saber que no Brasil ainda tem tantos jovens e adultos que não sabem ler, nem escrever.

Eu quero, Cristovam, dar os parabéns por essa iniciativa e quero dizer a todos vocês, meus amigos e amigas que estão aqui: não é mérito, mas pela primeira vez na história da República tem um presidente e um vice-presidente que não têm diploma universitário. Possivelmente, se nós tivéssemos, poderíamos fazer muito mais, mas eu estou convencido de que, para o político, o mais importante é ele saber o que é importante para o seu povo. E ele não é obrigado a saber, ele tem apenas que ter mais capacidade de ouvir do que de falar. Se a classe política começar a ouvir um pouco mais e a atender um pouco mais aquilo que é o clamor do seu povo, podem ficar certos que a chance da gente acertar é muito maior do que se a gente continuar governando achando que sabe tudo, se a gente continuar governando achando que aqueles que nos criticam já não valem mais a nossa consideração.

Deus, na sua inteligência suprema, fez o homem com uma boca e duas



orelhas e dois ouvidos. Isso significa dizer: “escutem mais do que falem”. E nós, Cristovam, só temos que aprender essa lição elementar da nossa estrutura física, para que a gente possa, quem sabe o ano que vem, ter aqui exemplos extraordinários como esse que nós tivemos hoje, aqui, desse alfabetizado nos acampamentos dos sem-terra e desse metalúrgico que aprendeu a ler, tardiamente, mas aprendeu.

Eu acho, Cristovam, que o seu papel revolucionário é “soltar” a sociedade organizada para que ela se sinta ministro da Educação, para que ela se sinta presidente da República, para que ela se sinta com mais responsabilidade do que nós dois juntos para fazer essa tarefa que, eu diria, será a grande revolução deste país.

Por isso, muito obrigado gente. Agora a bola não está só com o Cristovam, mas também está com vocês.

/rss/cms